



## Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

# O Preço da Liberdade é a Eterna Vigilância

Discurso de Borges de Medeiros  
Correio do Povo, 29 de Junho de 1935  
ao despedir-se do povo portoalegrense, no cais do porto,  
para assumir a cadeira de deputado federal, no Distrito Federal.

Foi este o discurso de agradecimento pronunciado pelo dr. Borges de Medeiros: "Meus caros amigos e correligionarios: Não quizestes consentir que eu daqui partisse em silencio, como era do meu desejo, levando apenas commigo a responsabilidade e o diploma de um mandato politico, que, sobre ser altamente honroso, é tambem, nas actuaes circumstancias do paiz, um encargo por demais espinhoso e arduo. Não vos limitando, de conseguinte, a trazer-me o simples adeus da despedida, expresso na singeleza da sua forma usual, extendestes em vossa infinita generosidade que me devíeis exaltar ainda agora, envolvendo-me neste transbordante movimento de sympathia e de fé politica, que só a boa fortuna pode propiciar-me nestes dias sombrios e incertos por que vamos passando. Si, para os desvanecimentos do amor proprio, sobeja-me a distincção de poder representar, na Camara Federal, os votos e as aspirações dos dois tradicionais partidos rio-grandenses, não é de somenos valia o receber de vós, neste instante, esta expressiva homenagem, que tão de perto me fala ao coração, pois que mais parece inspirada num vero impulso de afeição pessoal do que dictada aos influxos da razão politica. Esta costuma ser reflectida e regrada, conforme as circumstancias de tempo e lugar; aquelle, ao contrario, é expontaneo, irreprimivel, e superior a quaesquer limitações e convenções. Assim interpretado o sentido eloquente desta explosão dos vossos affectos, sinto a um tempo a emoção e o reconforto de estar escudado e fortalecido na vossa grande estima para proseguir sem tibiezas na lucha politica, em que me lançaram os imperativos do dever e do patriotismo. Si o ostracismo é isto que estou a contemplar, si hoje mais nobremente estou no vosso coração, bemdita a hora em que o preferi ás galas feiças do poder, de cujas alturas desci um dia, sem pezares e sem saudades, mas em paz com a consciencia. Como recompensar-vos de dadiva tão preciosa como a que ora estaes a prodigalizar-me? Pondez de certo, bem o percebo, a confiança e a esperança em obras que me julgaes capaz de realizar. Convém, entretanto, advertir, que não é isenta de agruras e de escolhos a jornada politica que me cumpre emprender. Tenho fé somente no labor indefesso e na perseverança dos propositos, em que hei de permanecer sem desfallecimentos, e graças aos quaes se vencem os maiores obstaculos. Nesse ponto nem eu, nem vós, haveremos de soffrer decepções. Receio, porém, que, exagerando as possibilidades mentaes e physicas que ainda me restam, possaes estar enganados quanto á eficiencia da minha capacidade de trabalho na medida correlativa aos anhelos e anseios que vos inquietam e amarguram com tanta razão. Passei a mór parte da existencia nos postos da administração publica e nos recessos dos gabinetes de estudos.

**O DISCURSO DO DR. BORGES DE MEDEIROS**  
Faltou-me de todo o troncão dos lides parlamentares (e nem estou afeto aos torques da tribuna. Bem vêdes que só com vagar e constância de vontade poderei superar essas deficiencias e dificuldades. E o que é peor é que as debilidades da vilhota tendem naturalmente a limitarem cada vez mais a acção de minhas pobres faculdades. Eu vos devia esta sincera confissão, menos por um decurso de consciencia, do que pela honesta intenção de falhar-vos de alma aberta, sem artifícios e sem reservas. Na actualidade o mandato legislativo é um pesado fardo, cheio de tribulações e deveres, para quem quer que tenha em devota conta a situação nacional, que nunca foi tão critica como agora. O eclipse da dictadura durou mais de tres dias, e a sua acção nefasta contribuiu grandemente para exarcebar vossos achacres, e gerar novos males de virulencia maior ou menor. Interrompeuse o rythmo da evolução e, alternativamente avançando e retrocedendo, andou á mázorra a desorganizada nau desastrosa por todo o largo periodo do regime ditatorial. Crizou-se afinal o novo Estado com as vestiduras constitucionaes, mas tão deformes nas suas dimensões, que mais parecem bellotas para fazer deito o "dus ex machina", de cuja omnipotencia tudo ficara dependente, na vida do homem e da sociedade. Duas tendências politicas, de finalidades reconhecidas, nos ameaçam reconduzir-nos ás formas obsoletas do centralismo despotico. Uma é a tendencia anti-individualista, de que é exemplo uma regulamentação draconica, que restringe o individuo, reduzindo-lhe a esphera da autonomia. Não se pretende negar a realidade universal da coexistencia dos direitos individuaes com os chamados direitos sociais, mas é de se notar que entre elles se mantenha um perfeito equilibrio para que não obsequem a annullar-se reciprocamente. O interesse individual tem de coexistir em durada e harmonia com o interesse colectivo, mas a coexistencia não necessita, sem grave danão proprio, despojar o homem de nenhuma das suas liberdades fundamentais. A outra tendencia é o intervencionismo do Estado nos domínios da economia, regulada directa ou indirectamente pela acção official, visando conter e até eliminar a concorrência, e coibir a livre iniciativa particular. É a applicação mal dissimulada de principios fundamentais do syndicalismo fascista e bolchevismo russo, segundo os quaes a produção deve obedecer a um plano officialmente prestabelecido e obrigatoriamente executado por todos os produtores. Na Italia é o syndicato, organizado nos moldes obrigatorios e unitarios do fascismo, sob a

directão immediata do Estado, o órgão executivo do plano economico. Na Russia o Estado é o unico proprietario e o unico a julhar, monopolizando a agricultura, o commercio e a industria. Si não são esses exemplos o que se quer importar, então é forçoso que se debeat a expansão economica, acompanhando-a com a assistência tecnica e financeira, e, sobretudo, com a benignidade da tributação. Esta é a unica intervenção official, compativel com o Estado democratico, em que a economia a si propria se dirige realizando a sua auto-organização segundo a sã formula socialista christã: "a pirtoassa organizada na livre associação". A democracia está na nossa Constituição, mas não na amplitude que convinha. E a realidade democratica ainda é menos pacifica, á minus de organizações praticas, capazes de exprimir a opinião publica, como centros coordenadores das vontades individuaes e sociais. Uma experiencia secular do regime constitucional representativo já é bastante para dar á nação a consciencia da sua realidade politica. Não mais se justifica que a grande massa dos brasileiros continue a obedecer passivamente a pequenas minorias cujos títulos de legitimidade nem sempre são incontestaveis. E o facto contemporaneo é que nenhum governo regular pode ter existencia duradoura sem apoiar-se na vontade collectiva. Mas quo difficil é discernir essa vontade quando, no dizer de um grande pensador, "ninguém sabe com precisão o que quer, e em todos os partidos, em todas as classes, em todas as instituições, em todos os Estados, se chocam doutrinas, aspirações, interesses contradiatorios, que formam a vontade collectiva obscura, incerta, oscillante". Entretanto, a existencia desse mal commun, longe de nos condemnar ao desanimo e á apatia, deve antes constituir uma causa estimulante de reacções energicas. O preço da liberdade é a eterna vigilância, ensina um velho proverbio inglês; não a vigilância que depende dos governos, mas a que o povo precisa exercer effictivamente. Para esse fim cumpre a todos nós, politicos e cidadãos, classes conservadoras e classes liberas, capitalistas e trabalhadoras, organizar, de facto e de direito, a genuina democracia, que só reina soberanamente quando vive nos sentimentos e nos costumes, nas tradições e nas methods de governo. Coporemos todos para que se converta em realidade definitiva a promessa constitucional de um regime de liberdade e justiça, de bem-estar economico e social. As contingencias feitas da nossa vida crearam, por toda a parte, o inevitavel diem-ma entre cujos extremos oscillam as sociedades civilizadas: a democracia ou a dictadura, o Estado livre ou o Estado autoritario. Não ha que hesitar na opção, si quizermos ser verdadeiramente livres.

Foi este o discurso de agradecimento pronunciado pelo dr. Borges de Medeiros: "Meus caros amigos e correligionarios:

Não quizestes consentir que eu daqui partisse em silencio, como era do meu desejo, levando apenas commigo a responsabilidade e o diploma de um mandato politico, que, sobre ser altamente honroso, é tambem, nas actuaes circumstancias do paiz, um encargo por demais espinhoso e arduo. Não vos limitando, de conseguinte, a trazer-me o simples adeus da despedida, expressado na singeleza da sua forma usual, entendedestes em vossa infinita generosidade que me devíeis exaltar ainda agora, envolvendo-me neste transbordante movimento de sympathia e de fé politica, que só a boa fortuna pode propiciar-me nestes dias sombrios e incertos por que vamos passando.

Si, para os desvanecimentos do amor proprio, sobeja-me a distincção de poder representar, na Camara Federal, os votos e as aspirações dos dois tradicionais partidos rio-grandenses, não é de somenos valia o receber de vós, neste instante, esta expressiva homenagem, que tão de perto me fala ao coração, pois que mais parece inspirada num vero impulso de afeição pessoal do que dictada aos influxos da razão politica. Esta costuma ser reflectida e regrada, conforme as circumstancias de tempo e lugar; aquelle, ao contrario, é expontaneo, irreprimivel, e superior a quaesquer limitações e convenções.

Assim interpretado o sentido eloquente desta explosão dos vossos affectos, sinto a um tempo a emoção e reconforto de estar escudado e fortalecido na vossa grande estima para proseguir sem tibiezas na lucha politica, em que me lançaram os imperativos do dever e do patriotismo.

Si o ostracismo é isto que estou a contemplar, si hoje mais nobremente estou no vosso coração, bemdita a hora em que o preferi ás galas feiças do poder, de cujas alturas desci um dia, sem pezares e sem saudades, mas em paz com a consciencia.

Como recompensar-vos de dadiva tão preciosa como a que ora estaes a prodigalizar-me? Pondez de certo, bem o percebo, a confiança e a esperança em obras que me julgaes capaz de realizar. Convém, entretanto, advertir, que não é isenta de agruras e de escolhos a jornada politica que me cumpre emprender. Tenho fé somente no labor indefesso e na perseverança dos propositos, em que hei de permanecer sem desfallecimentos, e graças aos quaes se vencem os maiores obstaculos.

Nesse ponto nem eu, nem vós, haveremos de soffrer decepções.

Receio, porém, que, exagerando as possibilidades mentaes e physicas que ainda me restam, possaes estar enganados quanto a eficiencia da minha capacidade de trabalho na medida correlativa aos anhelos e anseios que vos inquietam e amarguram com tanta razão.

Passei a mór parte da existencia nos postos da administração publica e nos recessos dos gabinetes de estudos.

Fallece-me de todo o tirocínio das lídes parlamentares e nem estou afeito aos torneios da tribuna. Bem vêdes que só com vagar e constancia de vontade poderei superar essas deficiencias e dificuldades. E o que é peor é que as debilidades da velhice tendem naturalmente a limitar-me cada vez mais a acção de minhas pobres faculdades. Eu vos devia esta sincera confissão, menos por um descargo de consciencia, do que pela honesta intenção de falar-vos de alma aberta, sem refólhos e sem reservas.

Na actualidade o mandato legislativo é um pesado fardo, prenhe de tribulações e deveres, para quem quer que tenha em devida conta a situação nacional, que nunca foi tão crítica como agora.

O eclipse da dictadura durou mais do que devia, e a sua acção nefasta contribuiu grandemente para exacerbar velhos achaques, e gerar novos males de virulencia maior ou menor.

Interrompeu-se o rythmo da evolução e, alternativamente avançando e retrocedendo, andou a matroca a desarvorada nau dictatorial por todo o largo período do regime discricionario.

Criou-se afinal o novo Estado com as vestiduras constitucionaes, mas tão disformes nas suas dimensões, que mais parecem talhadas para fazer delle o "deus ex machina", de cuja omnipotencia tudo ficará dependendo, na vida do homem e da sociedade. Duas tendencias politicas, de finalidades reaccionarias, nos ameaçam reconduzir-nos as fórmias obsoletas do centralismo despótico. Uma é a tendencia anti-individualista, de que é exemplo uma regulamentação draconiana que constringe o indivíduo, reduzindo-lhe a esphera da autonomia.

Não se pretende negar a realidade universal da coexistencia dos direitos individuaes com os chamados direitos sociaes, mas é mistér que entre elles se mantenha um perfeito equilibrio para que não cheguem a annullar-se reciprocamente.

O interesse individual tem de ceder sem duvida ao interesse collectivo, mas a collectividade não necessita, sem grave damno proprio, despojar o homem de nenhuma das suas liberdades fundamentaes.

A outra tendencia é o intervencionismo do Estado nos domínios da economia, regulada directa ou indirectamente pela acção official, visando conter e até eliminar a concorrencia, e cohibir a livre iniciativa particular.

E' a applicação mal dissimulada de princípios fundamentaes do syndicalismo fascista e bolchevismo russo, segundo os quaes a producção deve obedecer a um plano officialmente preestabelecido e obrigatoriamente executado por todos os productores. Na Italia é o syndicato, organizado nos moldes obrigatorios e unitários do fascismo, sob a direcção immediata do Estado, o órgão executivo do plano economico. Na Russia o Estado é o unico proprietario e o unico capitalista, monopolizando a agricultura, o commercio e a industria.

Si não são esses exotismos o que se quer importar, então é forçoso que se deixe o campo livre às actividades individuais e que o Estado se limite a incentivar e fomentar a expansão economica, acompanhando-a com a sua assistencia technica e financeira, e, sobretudo, com a benignidade da tributação. Essa é a unica intervenção official, compatível com o Estado democratico, em que a economia a si propria se dirige realizando a sua auto-organização segundo a sabia formula socialista christã: "a profissão organizada na livre associação".

A democracia está na nossa Constituição, mas não na amplitude que convinha. E a realidade democratica ainda é menos perfeita, a mingua de organizações praticas, capazes de exprimir a opinião publica, como centros coordenadores das vontades individuaes e sociaes. Uma experiencia secular do regime constitucional representativo já é bastante para dar á nação a consciencia da sua maioridade politica. Não mais se justifica que a grande massa dos brasileiros continue a obedecer passivamente a pequenas minorias, cujos titulos de legitimidade nem sempre são incontestaveis. E o facto contemporaneo é que nenhum governo regular pode ter existencia duradoura sem apoiar-se na vontade collectiva. Mas quão difficil é discernir essa vontade quando, no dizer de um grande pensador, "ninguem sabe com precisão o que quer, e em todos os partidos em todas as classes, em todas as instituições, em todos os Estados, se chocam doutrinas, aspirações, interesses contradictorios, que tomam a vontade collectiva obscura, incerta, oscillante". Entretanto, a existencia desse mal commum, longe de nos condemnar ao desanimo e á apathia, deve antes constituir uma causa estimulante de reacções energicas.

O preço da liberdade é uma eterna vigilancia, ensina um velho proverbio inglez; não a vigilancia que depende dos governos, mas a que o povo precisa exercer effectivamente.

Não ha que hesitar na opção, si quizermos ser verdadeiramente livres."

Para esse fim cumpre a todos nós, políticos e cidadãos, classes conservadoras e classes liberaes, capitalistas e trabalhadoras, organizar, de facto e de direito, a genuína democracia, que só reina soberanamente quando vive nos sentimentos e nos costumes, nas praticas e nos methodos de governo.

Cooperemos todos para que se converta em realidade definitiva a promessa constitucional de um regime de liberdade e justiça, de bem-estar economico e social.

As contingencias fataes da nossa idade crearam, por toda a parte, o inevitavel dilema entre cujos extremos oscillam as sociedades civilizadas: a democracia ou a dictadura, o Estado livre ou o Estado autoritario.